

## A FILOLOGIA E SUAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz\*  
Maria da Conceição Reis Teixeira\*\*

**Resumo:** *A Filologia, ciência antiga que data do séc. III a.C., vem se consolidando ao longo do tempo como ciência do texto. Desde os primórdios sempre foi auxiliada e auxiliou diversas ciências, pois o texto sempre foi o seu objeto de estudo. Neste sentido, sua relação com outras ciências se dá de forma bilateral, havendo contribuições múltiplas, o que tem possibilitado estudos de natureza diversa. Buscar-se-á, neste trabalho, apresentar de que forma a Filologia interage com outras ciências na investigação textual.*

**Palavras-chave:** Filologia; Crítica textual; Lingüística; Literatura; História cultural.

### 1. INTRODUÇÃO

*“Reciprocamente, as possibilidades que a filologia avisada e reconhecida hoje nos pode oferecer alargam enormemente os campos de investigação de todas as disciplinas, mudando-lhes e até invertendo-lhes os objectivos e as posições.” (CARENA, 1989, p. 216)*

Os estudos filológicos foram iniciados pelos gregos, em Alexandria, no séc. III a. C. Os primeiros filólogos, *Zenódoto*, *Aristófanos de Bizâncio* e *Aristarco*, iniciaram seus trabalhos a partir dos textos de Homero.

Foi ao redor das bibliotecas de Alexandria e Pérgamo que se constituíram as primeiras escolas filológicas helenísticas. Na renascença, humanistas e filólogos redescobriram a Antigüidade, graças ao acesso renovado ao testemunho escrito dos grandes textos. Foi também sobre a base de dados escritos que a filologia alemã do século XIX reconstruiu os textos e as línguas indo-européias. (LEBRAVE, 2002, p. 104)

Destarte, a Filologia já nasceu voltada para o estudo do texto, labor no qual vem se consolidando ao longo dos tempos. No entanto, seu campo de atuação vem crescendo, pois há sempre a interface com outras ciências.

---

\* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Coordenadora dos projetos de pesquisa: “Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico” e “Estudo histórico, filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX”. Líder do Grupo de Edição de Textos – UEFS (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). [rcrqueiroz@uol.com.br](mailto:rcrqueiroz@uol.com.br). Autora.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa Edição e Estudo de Textos – UNEB (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). [conceicaoreis@terra.com.br](mailto:conceicaoreis@terra.com.br). Co-autora.

Os termos “Filologia” e “filólogo” surgiram no mundo ocidental significando, em seu sentido helênico e latino, “amor pelo saber e pela literatura”, no entanto, esta definição de alguma forma diverge em relação a determinados autores gregos: para Licônio, “desejo de falar, palavrório”; para Platão, “gosto pela dialética”; para Aristóteles, “gosto pela literatura ou pela erudição” (*apud* CAMBRAIA, 2005, p. 15). No séc. XVIII, a definição de Filologia passa a ter um caráter universal e, segundo o Dicionário de Autoridades (*apud* CANO, 2000, p. 13) “Ciência composta e adornada da Gramática, Retórica, História, Poesia, Antiguidades, Interpretação de Autores, e geralmente da Crítica, com especulação geral de todas as demais Ciências.” Contudo, há diversas definições para o termo *filologia* em circulação, sendo esta de ordem mundial, sejam aquelas na origem do termo, sejam nos distintos *loqui*.

Tomar-se-á aqui a conceituação que define Filologia como a ciência que tem como âmbito de trabalho o estudo global do texto, isto é, que se ocupa de explorar os seus vários aspectos, sejam estes: literário, lingüístico, crítico-textual, sócio-histórico, dentre outros.

## 2. A FILOLOGIA E AS OUTRAS CIÊNCIAS

A Filologia vem ampliando seu campo de atuação, contudo necessita de outras ciências a fim de que possa dar conta de toda a cultura de uma comunidade. Neste sentido, continua sendo auxiliar de outras ciências e segue utilizando-se também de outros Saberes.

### 2.1 Filologia e Crítica Textual

A Crítica Textual ou Ecdótica ou Edição Crítica de Textos é um dos ramos mais antigos, mais nobres e mais autênticos da Filologia. Ocupa-se da reconstrução de textos, objetivando restabelecê-los de acordo com a última vontade do autor. Para Auerbach (1972, p. 11):

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez já sentir na época dita helenística da Antiguidade grega no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da poesia grega, sobretudo de Homero, dando-lhes forma definitiva.

A Crítica Textual tem suas origens mais remotas na Grécia do período alexandrino (322-146 a.C.). Nasceu, segundo Antonio Tovar (1944, p. 15), “[...] como um segundo grau de um ensino primário cujas *primeiras letras* estavam baseadas em uma poesia nacional, principalmente em Homero.”

O trabalho dos primeiros críticos textuais, os já mencionados na Introdução, *Zenódoto*, *Aristóphanes de Bizâncio* e *Aristarco*, estava voltado para a restauração, inteligência e explicação dos textos. Eles catalogavam as obras, reviam-nas, emendavam-nas, comentavam-nas, proviam-nas de sumários e de apostilas ou anotações, de índices e glossários, de tábuas explicativas, além de complementá-las com excursões biográficas, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética. Desse trabalho saíram as primeiras edições críticas.

A Crítica Textual moderna só é iniciada no século XIX com a publicação das edições críticas feitas por Karl Lachmann (1793-1851) do *Novo Testamento* em grego (1842-1850) e do poema *De rerum natura*, de Lucrécio (1850). Lachmann dá à Crítica Textual caráter científico, adotando um método, que leva o seu nome, baseado numa síntese dos processos utilizados pelos editores alexandrinos. É também o responsável pela terminologia empregada, pois escreveu suas introduções críticas em língua latina.

O método lachmanniano consiste em: *recensio*, levantamento de toda a tradição manuscrita e impressa existente da obra; eliminação das cópias coincidentes; agrupamento do material em famílias para a posterior elaboração da árvore genealógica; reconstituição do arquétipo, isto é, do códice a que remontam todos os manuscritos de uma determinada obra; *emendatio*, correção do texto arquétipo para remontar o original; e *originem detegere*, a finalização do processo, cujo objetivo é tentar reconstruir a história e a fortuna do texto através de considerações diplomáticas e testemunhos externos, objetivando a produção do texto o mais próximo possível do original, ou seja, *constitutio textus*.

A tarefa da Crítica Textual é reconstituir o original perdido, ou o texto mais fidedigno possível, com base na tradição manuscrita ou impressa. A edição crítica de uma obra difere de uma edição diplomática, cujo objetivo é simplesmente reproduzir o manuscrito, mantendo todas as suas características: grafia, abreviaturas, pontuação (quando há), a ligação ou separação de palavras, etc.

### 2.1.1 Filologia, Crítica Textual e Literatura

A cópia manual foi o meio, até o século XV, com o qual os homens retiveram na memória coletiva e transmitiram para a posteridade todo o seu patrimônio cultural: sua religião, sua história, sua política, sua literatura. Até a invenção da imprensa, um texto muito divulgado e muito lido foi, necessariamente, copiado muitas vezes. Foi assim que os textos literários clássicos e medievais chegaram ao presente.

[...] o estudo da literatura propriamente dita pressupõe a expressão registrada por meio da escrita. Por isso, ela parte dum ORIGINAL, ou seja, um escrito emanado direta ou indiretamente de um AUTOR e destinado em princípio à divulgação, podendo ser manuscrito, datiloscrito ou impresso. (Grifos do autor). (CANDIDO, 2005, p. 19).

Do original, escrito pelo próprio autor e chamado de autógrafo, eram feitas as cópias. A primeira é chamada de apógrafo. A cada cópia realizada, havia o risco das alterações, que podiam ser graves ou não. No entanto, é quase impossível transcrever um texto sem cometer erros ou sem conseguir adulterá-lo. Sendo assim, uma cópia representa a versão modificada do original.

O labor filológico continua sendo o núcleo fundamental da atividade de reconstruir e editar criticamente os textos. Segundo Cambraia (2005, p. 1), “É justamente por causa desse fato empírico incontestável que a crítica textual se constituiu: seu objetivo primordial é a *restituição da forma genuína dos textos* (grifos do autor). Contudo, até que ponto um texto estabelecido com segurança e perfeição é suficientemente conhecido? Esta é uma interrogação que depende das razões e da exigência da filologia. De acordo com Carena (1989, p. 211):

Uma ideia de literatura e de história da literatura depende intimamente da nova noção de sacralidade do texto que a filologia introduz. O texto criado com cuidado e com a ideia do futuro, preservado intacto da sua habilidade e decadência; desincrustado das superfetações e restaurado das suas falhas; tornado preciso nos seus significados exactos, os únicos possíveis que pode e deve ter segundo a lógica, segundo as condições do tempo e as características do autor; definido nas circunstâncias, catalogado entre os contemporâneos, os ascendentes, os descendentes legítimos e bastardos, os intrusos, os travestidos, os estropiados e os semelhantes, mesmo mais afastados; [...] tudo isso entra na oficina e no programa da filologia, para depois passar de modo determinante para a própria ideia de literatura como principal instrumento de expressão subjectiva e de relação social.

O texto tem sua história, desde antes mesmo de seu nascimento e até depois. Para Chartier (2007, p. 12), “[...] a produção, não apenas de livros, mas dos próprios *textos* (grifo do autor), é um processo que implica, além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e dos revisores.” Quantas versões o autor depositou no cesto de papel antes de enviar os originais para a editora? E depois deste ato, quais e quantas foram as intervenções? É imprescindível, todavia, concentrar-se sobre o resultado final. Assim, deve o filólogo debruçar-se sobre as várias redações ou, simplesmente, sobre as variantes autorais, a fim de verificar como o texto se constituiu, pois toda obra conserva a sua identidade, que se perpetuará assim que for reconhecida por seus leitores ou ouvintes.

Deste modo, a crítica literária depende mais do que nunca da crítica textual. Joseph Bédier ([1864-1938]) afirmava que a tarefa da filologia é o ponto de partida da crítica. Há ainda quem negue ao trabalho do filólogo a autêntica análise e interpretação do fato textual e até literário.

A filologia foi reabilitada, observar-se-á à parte, com a condição de se ocupar de toda a duração da história entre o tempo da obra e o nosso, já que a primeira recepção merece não somente ser sempre estudada, mas beneficia-se mesmo de um privilégio em relação às seguintes: é ela na verdade que permite medir toda a negatividade da obra, conseqüentemente, seu valor. [...] para continuar a interessar-se pelo contexto original da obra, [...] é necessário e suficiente concordar em interessar-se igualmente por todos os contextos sucessivos de sua recepção, entre seu tempo e o nosso. A tarefa é imensa, mas é o preço a pagar para ainda fazer filologia no clima de suspeita que reina sobre essa disciplina desde a metade do século XX. (COMPAGNON, 2006, p. 214-215).

## 2.1.2 O Trabalho de Edição de Textos

### 2.1.2.1 A Edição de um fragmento do romance *O Sampauleiro* de João Gumes (TEIXEIRA, 2006, p. 95-115)

O escritor baiano João Antonio dos Santos Gumes (1858 - 1930) escreveu romances, comédias, dramas e crônicas. Publicou os romances: *O sampauleiro*, *Os analphabetos*, *Pelo Sertão* e *Vida Campestre*. Deixou inéditas as seguintes obras: *Seraphina*, *Abolição*, *Mourama* e *Sorte Grande*. A sua obra, rica em quantidade de informações e diversa em qualidade, estava na iminência de desaparecer por completo. Urgia a necessidade de reuni-la e editá-la, buscando

integrá-la na história e na fenomenologia literárias, cumprindo com um dos deveres que a filologia tem com o patrimônio espiritual produzido por uma comunidade.

A sua obra apresenta textos manuscritos repletos de emendas autógrafas reveladoras do seu processo de construção, textos literários de testemunho único ou uma situação textual complexa (com versão manuscrita, pré-textual e textual) e textos não-literários de testemunho único apresentando dificuldades de leitura.

#### 2.1.2.2 Descrição dos testemunhos

*O Sampauleiro*, romance em dois volumes, concluído em 8 de dezembro de 1929, apresenta três testemunhos: um manuscrito autógrafo contendo apenas os últimos capítulos do segundo volume; e dois éditos: uma publicação em folhetim em *A Penna* e outra em livro, sendo uma cópia xerox do primeiro volume e um exemplar do segundo.

GUMES, João Antonio dos Santos. *O sampauleiro*. Caetité, 1929.

O manuscrito, autógrafo, de texto não definitivo, apresenta um número significativo de emendas autorais. Mancha escrita lançada no recto e no verso do papel almaço amarelado, desidratado, pautado, em tinta azul. Letra regular, bem traçada. Encontra-se incompleto, desordenado, assinado e datado. Agentes químicos externos, cola e tinta, prejudicam a leitura de algumas partes. Números arábicos no ângulo superior direito indicam a numeração dos fólios.

GUMES, João Antonio dos Santos. *O sampauleiro*. *A Penna*, Caetité, 1918- 1929.

Testemunho publicado em edições quinzenais no jornal *A Penna*. Alguns exemplares não podem ser manuseados devido ao estado físico do suporte: papel desidratado, decompondo-se ao simples toque das mãos. Os números que se acham em condições de manuseio apresentam dificuldade de leitura, ora pela impressão de má qualidade, ora pelas condições materiais do papel: rasgões nas bordas, furos provocados pela ação de insetos e produtos químicos, e pela ação do homem que recorta, rasga, risca. Os capítulos do romance estão distribuídos em 3 ou 4 colunas das páginas do jornal *A Penna*, com a indicação do título da obra: O SAMPAULEIRO, do capítulo em algarismos romanos: **XX**, seguida da expressão **Continuação**, quando for o caso. Após o texto, vem a indicação da autoria de **João Gumes**.

GUMES, João Antonio dos Santos. *O sampauleiro: romance de costumes sertanejos*. Caetité: *A Penna*, 1929. 2v.

Primeira publicação textual completa, editada pela Tipografia D'A *Penna*- Gumes & Filhos, Caetité, Bahia. Composta em dois volumes, formato 10 cm x 14 cm, com capa dura, vermelha. O primeiro e o segundo volumes trazem na folha de rosto: o nome do autor, JOÃO GUMES, em tipo de letra diferente e maior, o título e subtítulo, **O SAMPAULEIRO. Romance de costumes sertanejos**, a indicação da casa publicadora e local, TYP. D'A PENNA – Gumes & Filhos – CAETITÉ – BAHIA. **Volume 1**: contém um *A Modo de Prefácio* e três partes, a saber, *O Sampauleiro*, subdividido em capítulos I e II; SEGUNDA PARTE, *Sr. Seraphim*, sem subdivisão em capítulos; TERCEIRA PARTE, *Maria da Conceição*, subdividida em 29

capítulos, perfazem um total de 292 páginas. **Volume 2:** dividido em duas grandes partes, a saber, QUARTA PARTE, *Migração*, subdividido em 11 capítulos; QUINTA PARTE, *Abilio em ação*, subdividido em 23 capítulos; e uma conclusão intitulada PARA FINALIZAR, totaliza 384 páginas.

### 2.1.2.3 As normas adotadas no estabelecimento dos textos críticos

O modelo de edição adotado apresenta em primeiro plano o texto crítico, ao lado e em fonte menor o aparato crítico, no qual são registradas as variantes autorais e as emendas do editor crítico.

Na edição crítica do romance *O sampauleiro* busca-se manter as particularidades do texto de base, mas atualiza-se a ortografia segundo as normas vigentes, uniformizam-se a grafia de algumas palavras em conformidade com o percentual de ocorrências.

### 2.1.2.4 Texto crítico

#### IV

<p>Eis como se forma atualmente o caráter do sampauleiro honesto, bem intencionado e digno que, por si, toma a deliberação de emigrar, por um lado premido</p> <p>5 por circunstâncias adventícias, por outro atraído por aquele centro de movimento e riqueza. Destes que constituem uma classe, podemos asseverar que</p> <p>10 dificilmente se abalam do nosso meio, levando no seu coração a dor e no pensamento as mais dolorosas reminiscências de uma vida até então tranqüila no seio amorável da terra querida onde abriram os olhos a esta existência, onde passaram a infância e a mocidade;</p> <p>15 levando a saudade, essa amargura aduçoorada pela esperança de retorno e pela imagem da esposa, dos inocentes filhinhos, dos parentes, dos amigos que atrás deixaram, a quem tanto amou e por quem são capazes</p> <p>20 de todos os sacrifícios, e que se estampa na sua retentiva, risonha, em uma objetividade acariciadora que os anima incitando-os a prosseguir a despeito de tudo, como a ampará-los com angelical doçura e carinho que constitui uma segura promessa.</p> <p>Arrastando-se pela via dolorosa que uma como fatalidade abrigou-os a trilhar, vergados ao peso da triste conjuntura que os impele com o seu poderoso aguilhão – cruel, porque impõe com inexorabilidade; meigo e suave, porque indica uma finalidade risonha e feliz – não se esquecem, um momento sequer, da gleba que,</p> <p>30 desde os seus maiores, vêm, pacífica e tranqüilamente arroteada, para desabotoar os seus tesouros em ótimos frutos; do arroio perene e murmuroso onde os seus</p>	<p>SPF, SP1: actualmente; caracter</p> <p>SPF, SP1: circunstancias; dventicias; attrahido; aquelle; D'estes</p> <p>SPF, SP1: difficilmente</p> <p>SPF, SP1: reminiscencia; tranquilla; amoravel; existencia; infancia</p> <p>SPF, SP1: innocentes; atraz</p> <p>SPF, SP1: sacrificios</p> <p>SPF, SP1: ampararal-o</p> <p>SPF, SP1: conjuntura; impelle</p> <p>SPF, SP1: siquer; tranquillamente; hesouros; optimos</p> <p>SPF, SP1: fructos; perenne</p>
--	---

<p>35</p> <p>40</p> <p>45</p>	<p>nédios rebanhos vão dessedentar-se e que, obediente à sua inteligente direção, vai umedecer as plantações para emprestar-lhes o viço que verdeja como a esperança; da colina que a primavera floreja com seus opulentos tesouros de bela e atraente policromia; do tanque, vasto espelho cristalino, que reflete as encantadoras ribas vestidas de uma vegetação luxuriante, que guarda o piscoso alimento e atrai um variado mundo de aves aquáticas, a sua alma sonante e buliçosa que enche o ambiente com uma rumorosa e esquisita harmonia; dos bosques, dos prados, das árvores vetustas que os viram</p> <p>nacer; dos rochedos e penhascos impassíveis, como austeros vigias da eternidade no tempo, pacientemente enredados, mas não vencidos, pelas lianas floridas, cobertos de musgos e coroados de cactus; enfim do brilhante sol tropical que, se caustica e flagela nas grandes estiagens, é um indispensável elemento de vida, dessa vida estuante e opulenta que maravilha e delicia os advenas dos outros países.</p>	<p>SPF, SP1: á sua inteligente; direcção; vae; humedecer; collina</p> <p>SPF, SP1: thesouros; bella; attrahente; polycromia; crystalino; reflecte</p> <p>SPF, SP1: atrahe; acquaticas; esquisita</p> <p>SPF, SP1: arvores; impassiveis</p> <p>SPF, SP1: cactus; emfim; si causticas; flagella</p> <p>SPF, SP1: indispensavel; d'essa; paizes.</p>
-------------------------------	--	---

## 2.2 Filologia e Lingüística

Como visto anteriormente, há várias definições para o termo Filologia. No séc. XIX esta ciência é fixada como “estudo científico das línguas e das literaturas”. Neste sentido, interessa aqui a inclusão dos estudos lingüísticos à Filologia que, além de incorporá-los passa a identificar-se com eles. Neste âmbito, os estudos filológicos convergem para o exame de textos escritos com a finalidade de historiografar a língua e/ou a cultura neles documentadas. Sendo assim, a Filologia caracteriza-se como uma ciência histórica e é considerada por muitos estudiosos como “lingüística histórico-comparativa”. É esta a acepção usada nos Estados Unidos, onde o termo “Philology” significa “lingüística histórico-comparada”. No entanto, para Câmara Jr., a Lingüística é definida como:

[...] ciência recente, pois data do século XIX o estudo científico e desinteressado dos fenômenos lingüísticos. A princípio concentrava-se nos fenômenos de mudança lingüística através do tempo como lingüística comparativa, especialmente indo-européia, baseada na técnica do comparatismo. Hoje alargou-se-lhe o âmbito, distinguido-se, ao lado do estudo histórico (lingüística diacrônica), o estudo descritivo (lingüística sincrônica), porque a ‘fixidez aparente da língua, sendo uma realidade social, é que a permite funcionar nos grupos humanos como meio essencial de comunicação e esteio de toda a vida mental – individual e coletiva’.” (1974, p. 250)

Os limites entre Filologia e Lingüística sempre foram muito estreitos. A relação entre ambas pode ser qualificada como sendo de “complementariedade utilitária.” (CANO, 2000, p. 20)

A Filologia serve à Lingüística (histórica) como administradora e classificadora dos dados. Em contrapartida a Lingüística proporciona à Filologia, aqui entendida como análise

reconstrutiva de textos, referências quanto à datação e diferenciação de manuscritos, configuração de arquétipos, vinculação a zonas geográficas ou contextos culturais. No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* encontra-se a seguinte acepção que vem corroborar a afirmativa apresentada: “[...] estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas [...]”. (HOUAISS, 2001, p. 1344)

O texto é o objeto da Filologia e é, a partir do seu estudo, que o filólogo apresentará a visão do estado da língua em qualquer período. Ao lingüista caberá a tarefa de dar sentido e explicação aos dados obtidos pelos filólogos.

### 2.2.1 Análise de variações grafemáticas

A partir da edição das Memórias de Doutor Remédios Monteiro (QUEIROZ, 2006), verificou-se a ocorrência de variações grafemáticas em relação à ortografia vigente. Este trabalho está estreitamente vinculado à interface Filologia e Lingüística, pois somente após a edição se procedeu ao estudo da grafia da época. Observem-se a seguir os resultados obtidos:

**Quadro 1:** Variações Grafemáticas

<b>Índices grafo-fonéticos</b>	<b>Variações etimologizantes</b>	<b>Variações gráficas livres</b>
evoluio	Jacy	vizivelmente
pae	annos	evoluio
sociaes	elle	amisade
si	occupava	Pariz
doe	sciencias	francez
possuio	escriptos	civilisação
mortaes	soffrimentos	sobresair
similhantes	hemophthyses	possuio
cousa	soffrer	goso
deminuição	summamente	similhantes
sorpreendeu-me	arithemetica	socego
taes	actualidade	emfim
dous	Adolpho	suppuz
diminue	Victorio	riquezas
empensadamente	affectuosos	oppuzesse

**Quadro 2:** Oscilações Gráficas

<b>Variações gráficas livres</b>
amisade / amizade
pae / pai
luctas / lutei
Resende / Rezende
goso / gozava
si / se
annos / anos



**Quadro 3:** Índice das Variações

<b>Índices grafo-fonéticos</b>	<b>Variações etimologizantes</b>	<b>Variações gráficas livres</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Variação no uso dos fonemas /e/ e /i/;</li> <li>2. Variação no uso dos fonemas /o/ e /i/;</li> <li>3. Variação no uso dos fonemas /o/ e /u/;</li> <li>4. Fonema /s/ representado, na posição intervocálica, pelos grafemas &lt;s&gt; ou &lt;c&gt;</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Consoantes geminadas: ll / nn / pp / tt / cc / ff / mm;</li> <li>2. Grupos consonânticos impróprios: ct / pt / ph / cc / cç / ch / th / sc;</li> <li>3. Uso do grafema &lt;h&gt; formando hiato</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Grafemas &lt;s&gt; e &lt;z&gt; representando fonema /z/;</li> <li>2. Oscilação no uso do grupo consonântico impróprio -ct- em oposição ao grafema simples -t-;</li> <li>3. Uso do grafema &lt;s&gt;, em posição intervocálica, representando o fonema /s/</li> </ol>

## 2.3 Filologia e História Cultural

A Contribuição da Filologia aos estudos de História Cultural ocorre na medida em que aquela prepara e ordena os materiais da investigação histórica que mais lhe convém, ou seja, aqueles que são “[...] capazes de fazer reviver (se interrogados como se deve) o passado diante da nossa mente, como se fosse presente.” (BERTONI, 1943, p. 29). Como a primeira condição da história é desenterrar o passado, a Filologia se constitui como a sua preparação. A História exercita-se sobre os documentos, sejam estes notariais ou literários (crônicas e narrações). A partir daí, a Filologia contribui com o entendimento dos textos, lançando todas as luzes possíveis: corrigindo aqueles deturpados pelos copistas, restaurando, integrando ou reintegrando o fragmentário; preparando edições, quer sejam diplomáticas, semidiplomáticas, críticas.

Instrumentalizado com os documentos, o pesquisador estabelece uma relação direta com o seu objeto de estudo. Eles o colocam diante do seu problema e se constituem no material através do qual a pesquisa pode produzir conhecimentos sobre o passado de um grupo social no seu lugar e na sua época, analisar e caracterizar os seus códigos de comunicação. Uma fonte histórica pode, desse modo, se constituir no meio de acesso ao conhecimento de ações e condutas de agrupamentos humanos pretéritos e se caracterizar como o próprio fato histórico ou lingüístico, no caso do texto ser tomado como objeto da análise historiográfica ou filológica, como discurso ou forma de se expressar de uma comunidade numa determinada época. (NEVES, 2007, p. 16-17)

Sendo assim, quando se identifica a história de um povo ou de sua civilização, também se está identificando a história de sua língua, pois esta revela a verdadeira história vivenciada no decorrer dos tempos. Através do texto, a Filologia está atrelada à História Cultural, pois aquela permanece ligada à ciência da cultura. “O trabalho filológico que situa o uso da língua em seu contexto permite reconstruir a sociedade através daquilo que a análise lingüística deixa transparecer: o léxico, as mudanças semânticas, etc.” (QUEIROZ e TEIXEIRA, 2006, p. 273)

## CONCLUSÃO

Pretendeu-se, neste artigo, apresentar a Filologia em seu percurso histórico, a fim de ratificar o seu conceito como sendo relacionado à “análise de textos”. Destarte, o filólogo deve observar o contexto no qual o texto está inserido, pois um texto sempre remete a outro. Sendo assim, pode-se entender a Filologia como o estudo e a análise da cultura e da civilização de um povo através dos documentos escritos que aquele produziu. Neste sentido, são inúmeras as possibilidades de estudo no campo filológico, pois este pode estar associado aos estudos literários, aos lingüísticos ou aos histórico-culturais.

Sendo assim, aqueles que se ocupam dos estudos filológicos vêm desenvolvendo pesquisas relacionadas com o texto, seja este literário ou não, apresentando edições confiáveis (críticas e genéticas – no caso de textos literários; diplomáticas ou semidiplomáticas – no caso de textos não literários) a fim de que outros pesquisadores ou mesmo alunos possam se debruçar sobre o texto genuíno. Nessa direção afirma Cambraia (2005, p. 197): “A dura realidade brasileira não pode, porém, servir de incentivo para a negligência quanto à adoção de edições fidedignas [...]”. Contudo, além de apresentar edições qualificadas, o filólogo também pode incursionar pelo texto e fazer análises de natureza diversa.

E para finalizar, tomar-se-ão as palavras de Ceila Martins (2006, p. 11)

Num tempo e num espaço comumente caracterizados pelas contingências e pelos desafios advindos de um amplo processo de globalização econômico-cultural, como também através de um trabalho universitário cada vez mais confrontado com e questionado pela interdisciplinaridade, a Filologia se coloca e é colocada na ordem do dia, pois não podemos pensar em Filologia sem atentarmos para o seu caráter eminente dialógico. Filologia pressupõe diálogo, aproximação entre ciências, disciplinas, historicidades, interpretações e antes de tudo: *filia*, amor pelo *logos*, pelas palavras e pelos textos.

## REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BERTONI, Giulio. **Introdução à filologia**. Tradução Giuseppe Carlo Rossi. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CANO AGUILAR, Rafael. La filología como ciencia del texto. In: \_\_\_\_\_. **Introducción al análisis filológico**. Madrid: Editorial Castalia, 2000. p. 11-30.

CARENA, C. Filologia. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p. 200-217. v. 17.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

COMPAGNON, Antoine. A Filologia disfarçada. In: \_\_\_\_\_. **O Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Salgado. 3. reimp. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p. 214-218.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÁZARO CARRETER, Fernando. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1990.

LEBRAVE, Jean-Louis. Crítica genética: uma nova disciplina ou um avatar moderno da filologia? In: ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 97-146.

MARTINS, Ceila Ferreira. Prefácio. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita e Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.) **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 11-12.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Prefácio. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). **Documentos do acervo de Monsenhor Galvão**: edição semidiplomática. Feira de Santana: UEFS, 2007. p. 13-19.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **A Escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro**: edição de suas memórias. Salvador: Quarteto, 2006.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Labores filológicos: a filologia e sua relação com outras ciências. **A Cor das Letras** – Revista do Departamento de Letras e Artes, Feira de Santana, n. 7, p. 269-293, 2006.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: crítica textual. 2. ed. revisada e atualizada. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.

TEIXEIRA, Maria da Conceição R. Os textos literários e a crítica textual: a importância do labor filológico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita e Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.) **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 95-115.